UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO
DEPARTAMENTO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS

MÁRCIA DE JESUS SANTOS

A LEI 10.639/03 E A LEITURA LITERÁRIA NA ESCOLA

ITABAIANA/SE

2018

MÁRCIA DE JESUS SANTOS

A LEI 10.639/03 E A LEITURA LITERÁRIA NA ESCOLA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras de Itabaiana (DLI), da Universidade Federal de Sergipe, *Campus* Prof. Alberto Carvalho, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Letras - Língua Portuguesa.

ORIENTADORA: Prof.ª Dr.ª Jeane de Cássia Nascimento

ITABAIANA-SE

2018

MÁRCIA DE JESUS SANTOS

A LEI 10.639/03 E A LEITURA LITERÁRIA NA ESCOLA

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado à obtenção do título de Licenciada em Letras - Língua Portuguesa e aprovado em sua forma final pela banca examinadora.

BANCA EXAMINADORA

_____

Prof.ª Dr.ª Jeane de Cássia Nascimento
Universidade Federal de Sergipe

_____

Prof.ª Mestre Michele Lima
Universidade Federal de Sergipe

Aprovado em: _____/_____/_____

Itabaiana - SE, ___ de Maio de 2018.

Para a minha amada família:
Francisco e Luís Gustavo.
Maior presente.

AGRADECIMENTOS

A jornada foi longa e árdua, mas posso dizer que valeu a pena. Valeu a pena passar três anos a mais da previsão do término do curso por escolher servir a Deus. Valeu tudo que tive que passar para a realização de um sonho: ser uma professora.

Por essa conquista, agradeço primeiramente a Deus, meu maior refúgio, por ter me dado forças para continuar depois de várias tentativas de desistências, e por Ele ter colocado pessoas maravilhosas em minha vida: Minha Mãe guerreira, Maria Nilce, meu painho, Jivanilton, que sempre estiveram ao meu lado. Ao meu filho amado, maior presente, encaminhado e abençoado Pelo Senhor, amo você, Luís Gustavo!

E o meu agradecimento especial ao meu amado esposo, José Francisco dos Santos, por me incentivar todos os momentos nessa jornada, confesso que você foi peça fundamental para eu chegar aonde cheguei. Lembro-me das vezes em que você sempre dizia: “Estude, estude!” e que, muitas vezes, eu te achei “chato”. Por isso sou eternamente grata. Obrigada pelo apoio, pelas palavras de carinho quando precisei. Te amo!

Muitas barreiras e obstáculos surgiram no meu percurso, uma delas foi não frequentar as disciplinas que caíam nas sextas-feiras por questão religiosa, por conta disso atrasei o curso por volta de três anos. Foi difícil, pensei em desistir por isso, mas depois percebi que tais obstáculos serviram para me fortalecer mais e mais e continuar no caminho que escolhi. Agradeço a todos os professores que passaram por mim nessa jornada, alguns em especial: Márcia Mariano, Jacqueline Ramos, Jeane Nascimento, Vilma Quintela e Adriana, todas muito competentes e que fizeram história em minha trajetória.

Agradeço à professora Jeane Nascimento, por ter confiado em mim e me aceitado com orientanda, obrigada Jeane!

Agradeço a alguns colegas de turma, em especial: Eliane Tavares, Edelaine Santana, Andreia dos Santos e Cláudia. Obrigada meninas, vocês foram excelentes como amigas de turma, uma amizade da UFS para a vida!

Enfim, obrigada a todos de forma direta e indireta que estiveram comigo me incentivando e me apoiando!

RESUMO

Sabemos que “a literatura pode e deve ser vista como ferramenta importante para o início das discussões geradas pelos temas, como a pluralidade cultural e ética, entre outros, trabalhando no sentido de formar cidadãos éticos, plurais e participativos” (FILHO, 2009, p. 64). Com base nisso, o nosso trabalho evidencia a importância da aplicação da lei 10.639/03 e a leitura literária no processo de construção de identidades étnicas no âmbito escolar, tomando como suporte o livro *Princesas são diferentes*, de Tânia Alexandre Martinelli, visando uma apreciação do personagem negro nesse tipo de literatura. Para isso, realizamos a produção de uma sequência didática básica no 6° ano do ensino fundamental do Colégio Eduardo Silveira, localizado na cidade de Itabaiana- SE e apresentamos seus desdobramentos. Para tanto, utilizamos como referencial teórico-metodológico os pressupostos de Gregorin Filho (2009); Tieztman Silva (2009); Gomes (2006); Eliane Cavalleiro (2001); Rildo Cosson (2011); e Beth Brait (1985).

Palavras-chave: Lei 10.639/03; Literatura Infantojuvenil; Escola.

ABSTRACT

We know that "literature can and should be seen as an important tool for the beginning of the discussions generated by the themes, such as cultural plurality and ethics, among others, working to form ethical, plural and participatory citizens" (FILHO, 2009, p. 64). Based on this, our work highlights the importance of Law 10.639/03 and the literary reading in the process of building ethnic identities in school, taking as a basis the book "Princesas são diferentes", by Tânia Alexandre Martinelli, aiming at an appreciation of the black character in this type of literature. For this, we produced a basic didactic sequence in the 6th year of elementary school at the Colégio Estadual Eduardo Silveira, located in the city of Itabaiana-SE and we present its developments. For that, we use as a theoretical-methodological reference the assumptions of Gregorin Filho (2009); Tieztman Silva (2009); Gomes (2006); Cavalleiro (2001); Rildo Cosson (2011); Beth Brait (1985).

Keywords: Law 10.639/03; Children's Literature; School.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **8**

1. CONTEXTUALIZAÇÃO DA LEI 10.639/03 ..... **11**

1.1 Dificuldades enfrentadas para a aplicação da lei 10.639/03 ..... **12**

2. O PAPEL DO PROFESSOR NO PROCESSO DE DESCONSTRUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS EM RELAÇÃO AO NEGRO **14**

3. A LEI 10.639/03 E A LITERATURA INFANTOJUVENIL NA ESCOLA **16**

3.1 O livro *Princesas são diferentes,* de Tânia Alexandre Martinelli na sala de aula **19**

CONSIDERAÇÕES FINAIS **27**

REFERÊNCIAS **28**

ANEXOS **29**

INTRODUÇÃO

Colocar em prática a lei 10.639/03, juntamente com a leitura literária em sala de aula, é entrar em uma grande luta para a valorização do negro e a sua cultura. Essa lei impõe que todas as escolas, tanto públicas quanto particulares, incluam História e Cultura Africana e Afro-brasileira em seu ensino. Com o intuito de fazer com que os discentes possam ter uma educação que valorize os negros e, também, outras etnias.

Visto que:

> [...] conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crença, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais [...] *(*FILHO, 2009, p. 33).

> A escola vem ocupando um espaço significativo na rotina diária de crianças e jovens há muito tempo. Sendo uma vivência partilhada pela maioria das pessoas, também passou a integrar o mundo ficcional da arte literária. (SILVA, 2009, p. 23).

Espera-se que os comportamentos racistas, como nós vemos a todo o momento em nosso meio social, sejam diminuídos ou até mesmo abolidos. Vale lembrar que essa formação cultural do Brasil se dá pelo fato de ser um país rico em misturas de etnias e culturas, e que por isso muitas vezes acaba causando conflitos em determinados meios, e a escola, por sua vez, se insere nesse contexto. Em virtude disso, essa lei foi desenvolvida, no intuito de tentar preencher essa falta de informação e de valores, identificando a pluralidade e diversidade cultural.

Segundo Munanga (2005, p. 15), “os mesmos preconceitos permeiam também o cotidiano das relações sociais de alunos entre si e de alunos com professores no espaço escolar”. O uso da lei no ambiente escolar tanto serve para refletir, como também combater o racismo e a discriminação. A lei 10.639/03 ainda não está ativa em muitas escolas do país, e isso pode interferir na formação do professor, no que se trata do suporte acadêmico e profissional oferecido nas universidades.

Assim sendo, o docente, como construtor de conhecimentos, precisa ter a iniciativa de apresentar atividades de leituras literárias em sala de aula, principalmente aquelas que valorizem a cultura africana e afro-brasileira.

Para tanto, Silva (2009, p. 44) aborda a importância de o professor atuar como leitor-guia, podendo ajudar seu aluno nessa fase de seu percurso de leitor. "Ele pode levar os jovens do prazer de ler à apreciação do texto. Do gosto puro e simples à fruição estética". Nesse sentido, os alunos acabam adquirindo confiança e perseverança para enfrentar os desafios da vida. Desse modo, a criança que tem o costume de ler acaba se tornando um conhecedor da vida no meio social.

Levando em consideração os apontamentos elencados, o objetivo geral desse trabalho é apresentar a lei 10.639/03 por meio da literatura infantojuvenil, tendo como suporte o livro *Princesas são diferentes*, de Tânia Alexandre Martinelli, com o intuito de tentar contribuir no combate à atitudes racistas, mostrando a importância do povo negro na construção de identidades do nosso país.

O interesse de se trabalhar com essa temática surgiu devido à nossa participação no Programa de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) durante três anos consecutivos, em que trabalhávamos a lei apresentada acima nas escolas. Devido à importância do projeto, surgiu o interesse de desenvolvermos um trabalho mais aprofundado com relação a essa lei em sala de aula, de uma forma que pudéssemos levar a literatura infantojuvenil para enriquecer a pesquisa e o conhecimento do aluno, com o intuito de realizar reflexões, procurando, assim, amenizar o a discriminação que ainda permeia o âmbito escolar.

No que concerne à metodologia, escolhemos um estudo de caso descritivo explicativo, por meio de uma pesquisa de campo, a fim de aplicarmos uma sequência didática na sala de aula com uma turma de 6° ano do ensino fundamental de uma escola da rede pública. Para isso, inicialmente, foi apresentado à turma um livro de literatura infantojuvenil, que aborda os aspectos étnicos e culturais, mais precisamente o preconceito racial. Para isso, a aula teve uma introdução a respeito dos estereótipos[1] de uma princesa para que os alunos pudessem identificar as características que ela

[1] De acordo com *Dicionário online de Português, estereótipo é uma* Concepção baseada em ideias preconcebidas sobre algo ou alguém carregadas de inverdades, ver mais em : https://www.dicio.com.br/estereotipo/.

apresenta, fazendo com que eles percebessem como a mídia e alguns livros de historinhas infantis abordam uma princesa. Vale ressaltar que o enfoque maior foi em torno do livro proposto.

O nosso trabalho está dividido em três capítulos, sendo que o primeiro, *A contextualização da lei 10639/03*, refere-se aos processos históricos da lei. É composto por um subcapítulo, *Dificuldades enfrentadas pela lei 10.639/03*, que aborda a implementação da lei em sala de aula, e os seus obstáculos.

O segundo capítulo, *O papel do professor no processo de desconstrução de estereótipos em relação ao negro*, aborda o professor atuando como um guia, tendo a preocupação de refletir sobre as tradições afro-brasileiras. Além disso, coloca o docente como principal responsável na explicação da relevância de informações relacionadas a temas decorrentes da história e da cultura afro-brasileira e africana.

No terceiro capítulo, *A lei 10.639/03 e a literatura infantojuvenil na escola*, é discutida a sua importância no âmbito escolar e nas práticas de ensino, no que diz respeito à cultura afro-brasileira. Esse capítulo tem como subcapítulo *Princesas são diferentes: Metodologia e aplicação das oficinas*, em que abordamos a leitura da narrativa trazendo uma experiência na escola e o contato dos discentes com a literatura implementada com a lei, observando também a reação deles mediante a inconformidade da personagem Celeste, em questionar o porquê de todas as princesas terem o mesmo padrão de beleza.

CAPÍTULO I - A CONTEXTUALIZAÇÃO DA LEI 10.639/03

A lei 10.639/03 torna obrigatória a inclusão do estudo sobre a História e a Cultura Africana e afro-brasileira nas escolas. A fim de promover aos educadores e estudantes, uma educação que valoriza a diversidade cultural e étnica. A lei ainda inclui em um de seus artigos, o dia 20 de novembro no calendário escolar como Dia Nacional da Consciência Negra. Podemos dizer que o Brasil é um país riquíssimo no que concerne a influências culturais, um grande modelo é a formação da "língua brasileira", como, por exemplo, os termos: "Moleque" "Acarajé", "jabá"[2], etc. Em meio a tantas influências, destacamos a grande contribuição dos africanos no processo de formação cultural brasileiro, visto que eles foram responsáveis por trazerem tantos costumes e riquezas para o nosso país.

A lei de diretrizes e Bases (LDB), de 20 de dezembro de 1996, o artigo 26° determina o currículo escolar que deve ser abordado, e o inciso 4° diz: "O ensino da História do Brasil levará em conta as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro, especialmente das matrizes indígena, africana e europeia".

A lei que conhecemos hoje como 10.639/03, antes era a 9.394, esta reeditada em 9 de janeiro de 2003, estabelecendo as diretrizes de bases da educação nacional, tornando obrigatório o ensino da Cultura e História afro-brasileira e africana nos currículos de ensino público e particulares, como já foi citado anteriormente.

Desde a época da escravidão, os negros por muitos anos vinham sofrendo discriminações e violências. Por conta disso, medidas foram tomadas para melhorar a situação desse povo que era tratado com indiferença, como inferiores. Acreditamos que esta lei foi criada para nos direcionar ao que deve ser feito e punir aqueles que não respeitam as diferenças. No entanto, para que qualquer lei seja criada e aprovada são

[2] Carne seca, variação de charque. Ver em: Dicionário online de Português. https://www.dicio.com.br/jaba/. Último acesso em 11/05/2018.

necessários vários processos, ocasionando muitas lutas e esforços por parte daqueles que estão guerreando em busca de melhorias.

1.1 Dificuldades enfrentadas para a aplicação da lei 10.639/03

Entendemos que essa lei é algo de caráter positivo, já que trouxe algumas transformações de ordem cultural, tanto no campo pedagógico, quanto psicológico, diminuindo os efeitos persistentes da discriminação do passado, e que pode continuar, caso não se mantenha aplicando-a nas escolas.

Durante os três anos de atuação no PIBID, pudemos observar, nesse percurso, alguns fatores relevantes que colocam empecilhos para o andamento correto da lei: A falta de materiais didáticos, como por exemplo, literaturas infantis que trazem a temática da História e Cultura afro-brasileira, a falta de conhecimento e preparo do docente para a aplicação de métodos que contribuam para o processo de "quebra" desse paradigma denominado discriminação no meio escolar. Visto que, para

> Inserir essa complexa problemática na produção teórico-metodológica educacional pressupõe uma nova concepção de educação e de formação. Uma concepção que entenda o profissional da educação enquanto sujeito sociocultural, ou seja, aquele que atribui sentido e significado à sua existência, a partir de referências pessoais e coletivas, simbólicas e materiais e que se encontra inserido em vários processos socializadores e formadores que extrapolam a instituição escolar. (GOMES e SILVA, 2006, p. 21).

Na prática, temos observado que os materiais didáticos que as escolas possuem carecem de conteúdos que abordem a história do negro, e, quando trazem, aparecem de forma pejorativa, menosprezada, carregada de estereótipos. Um exemplo desse tipo de obra é *O sítio do pica pau amarelo*, de Monteiro Lobato, que aborda os negros como empregados ou seres folclóricos: Tia Anastácia, tio Barnabé e o Saci. Mediante essa situação, não achamos interessante trabalhar esse tipo de literatura em sala de aula, pois como professores nosso objetivo é tentar descontruir o preconceito contra o negro e não contribuir para que o mesmo se propague.

Apesar da importância da lei, ela não garante a sua aplicação com eficácia, pois é apenas um instrumento que precisa ser usado pela escola, já que esta é o caminho para a desconstrução no que se refere às mentalidades negativas e práticas discriminatórias.

Construindo, assim, uma realidade que favoreça a diversidade, incluindo a igualdade de direitos e respeito às diferenças. Nesse sentido,

> A reflexão sobre nossos próprios valores, crenças e comportamentos é imprescindível para compreendermos o racismo, a discriminação e o preconceito raciais na sociedade, bem como seus efeitos em nossas vidas. (CAVALLEIRO, 2001, p. 07).

O racismo e a discriminação na escola se expressam de muitas e diversificadas formas como, por exemplo: negação da cultura africana e afro-brasileira, dos costumes entre outros. Por isso, o professor, como mediador, tem o papel de desconstruir alguns *tabus* que foram preestabelecidos no passado, ajudando, dessa forma, a desfazer os estereótipos que cercam as culturas de origens africanas. Assim sendo, os alunos passarão a respeitar as diferenças, visto que elas existem e devem ser respeitadas.

CAPÍTULO II - O PAPEL DO PROFESSOR NO PROCESSO DE DESCONSTRUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS EM RELAÇÃO AO NEGRO

Vivemos em uma sociedade onde ser branco(a) é a norma, a brancura como um padrão de beleza, que acaba gerando grandes conflitos de raças. Desse modo, as pessoas pertencentes a outros grupos raciais acabam sendo caracterizadas como seres humanos que não estão ajustados no contexto daquilo que a sociedade impõe, e ao falar de sociedade, inclui-se principalmente o âmbito escolar. Visto que, como dizem Rossato e Gesser[3] (2001, p. 12) "há racismo e discriminação de todas as formas na escola, da mesma maneira que se encontra em outras instituições".

De acordo com Rossato e Gesser (2001), o surgimento de alguns estereótipos que cercam o negro não é novo, pois deu início com o movimento *eugenics*[4], no final do século XIX e início do século XX, aquelas pessoas que tinham uma cor de pele diferente daquilo que o padrão exigia eram discriminadas, pois eram considerados inferiores.

No que diz respeito ao preconceito e a construção de alguns estereótipos, Munanga (2005), afirma que os mesmos preconceitos permeiam também o cotidiano das relações sociais entre alunos e estes com professores no espaço escolar. O docente precisa ter preparo para enfrentar situações que, porventura, venham aparecer, e saber trabalhar com esses estudantes (discriminador e discriminado) de forma eficaz.

A história da comunidade negra não interessa apenas ao povo negro, mas principalmente ao branco para que ele possa entender que o Brasil é fruto de uma grande diversidade de etnias, e que cada um, de certa forma, contribuiu no processo de formação sociocultural e identidade nacional.

---

[3] ROSSATO, Cesar. GESSER, Verônica. "A experiência da branquidade diante dos conflitos raciais: Estudos de realidades brasileiras e estadunidenses". In: CAVALLEIRO, Eliane. *Racismo e anti-racismo na educação.* São Paulo, Summus, 2001.

[4] Movimento de eugenia, tendo como objetivo manter uma raça pura. Ver mais em: Cavalleiro (2001).

Com o PIBD, observamos que tanto os professores como a escola enfrentam grandes dificuldades nesse meio educacional, pois, na maioria das vezes, atitudes preconceituosas já vêm formadas na mente dos alunos. No entanto, isso não quer dizer que a educação não possa oferecer aos discentes meios que os ajudem no processo de reflexão, pois há a possibilidade de utilizar a literatura como um instrumento inovador para tentar desconstruir paradigmas. Levando em consideração que

> Apesar da complexidade da luta contra o racismo, que consequentemente exige várias frentes de batalhas, não temos dúvida de que a transformação de nossas cabeças de professores é uma tarefa preliminar importantíssima. Essa transformação fará de nós os verdadeiros educadores, capazes de contribuir no processo de construção da democracia brasileira, que não poderá ser plenamente cumprida enquanto perdurar a destruição das individualidades históricas e culturais das populações que formaram a matriz plural do povo e da sociedade brasileira. (MUNANGA, 2005, p.17).

> A educação escolar entendida como parte constituinte do processo de humanização, socialização e formação, tem, pois, de estar associada aos processos culturais, à construção das identidades de gênero, de raça, de idade, de escolha sexual, entre outros. Ou, seja a escola é um espaço no qual a diversidade deve ser considerada e respeitada para uma aprendizagem mais afetiva, e todo esse processo acaba tornando o professor responsável pela formação de identidades das crianças, sendo que ele é o agente formador de novas consciências étnico-raciais. (GOMES e SILVA, 2008, p. 22)

Desse modo, vale ressaltar que um professor envolvido e interessado com questões étnicas precisa estar apto a utilizar o livro didático e qualquer outro tipo de material de uma forma mais complexa, transformando, assim, um instrumento de construção de conhecimento e desenvolvimento da consciência crítica dos seus alunos. Pois, assim,

> Dessa forma, as escolas, os educadores e educadoras que, no seu cotidiano profissional lutam para desenvolver projetos, experiências e atividades pedagógicas em prol da diversidade deveriam ser levados mais a sério pelos centros de formação de professores e pelas secretarias de educação. (GOMES e SILVA, 2008, p. 23).

Ainda em acordo com Gomes e Silva (2008), é importante saber que não reconhecer o valor dessa realidade acaba distanciando diversas propostas de formação dos docentes no desenvolvimento profissional dos alunos, concernentes tanto na dimensão individual quanto na coletiva.

CAPÍTULO III- A LEI 10.639/03 E A LITERATURA INFANTOJUVENIL NA ESCOLA

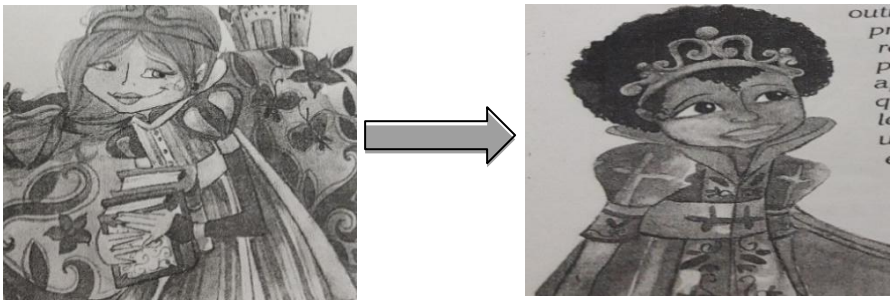
Sabendo da importância em discutir como a lei 10.639/03 deve ser colocada em prática, a literatura infantil vem como um meio propício para ser introduzida nas atividades pedagógicas. Observa-se uma depreciação a respeito da forma como os negros e seus descendentes aparecem nos livros infantis, e principalmente nos contos de fadas, foco desse trabalho. Podemos dizer que são notáveis o preconceito racial e a discriminação no conteúdo desse mundo encantado. Por conta desses levantamentos, optamos por usar o livro *Princesas são diferentes,* de Tânia Alexandre Martinelli, no intuito de tentar quebrar esses estereótipos.

Há uma grande variedade de contos de fadas, a maioria trazidos pela Disney. O grande problema é como as princesas são trazidas nesses contos, uma vez que grande parte delas possuem as seguintes características: Cabelos lisos, pele e olhos claros. Como fica a mente de uma criança quando entrar em contato com um conto desse tipo? Provavelmente ela não verá a sua representação nessas histórias e consequentemente, ocorrerão muitos conflitos em sua vida.

Sabemos que não tem como estudar uma obra se não analisarmos seu enredo. A partir de agora, mencionaremos alguns elementos importantes no livro *Princesas são diferentes*, mostrando como a personagem principal e as demais se apresentam na narrativa. O livro possui 20 capítulos curtos, não enumerados e com 48 páginas.

O livro conta a história de uma menina que saiu de Anitápolis - uma cidade do Estado de Santa Catarina, branca, de cabelos e olhos claros, que se chama Celeste. A história volta-se ao descontentamento da menina em relação a todas as princesas dos contos de fadas que ela lia terem sempre as mesmas características "os cabelos dela eram longos, bem loirinhos e lisinhos, os olhos azuis, que mais pareciam um pedaço do céu, e a pele bem clarinha" (MARTINELLI, 2007, p. 05).

Certo dia, a professora da menina solicita que a turma construísse uma história com base no livro lido na biblioteca. Mediante a inconformidade de Celeste, esta recria a história da princesa *Anne*, transformando-a em uma princesa com características totalmente diferentes da personagem do livro de contos de fadas. Ao tomar essa iniciativa, os seus colegas de classe ficam furiosos com a menina, e eles alegam esse comportamento de Celeste como um meio de chamar atenção, pois, até então, nunca tinham visto uma princesa negra. Essas desavenças continuam até o final da história, que termina quando Celeste salva um beija-flor que estava preso à janela.



Fonte: *Princesas são diferentes*, 2007, p. 05 e 14.

A partir das imagens retiradas do livro trabalhado em sala de aula, podemos perceber que elas fazem parte do processo de construção da história e consequentemente contribui para o desenvolvimento do enredo. Observamos que Celeste recriou uma princesa totalmente diferente daquilo que os livros de contos de fadas traziam por não concordar com as atitudes estereotipadas desse mundo encantado. Se a Celeste não achou justo sendo branca, imagina como se sentiria uma menina negra ao ler a história? Certamente decepcionada.

Teoricamente falando sobre a narrativa, Brait (1985), afirma que as personagens de uma obra podem se caracterizar como planas ou redondas. As planas são as que constroem uma ideia ou qualidade, ou seja, não passam por um processo de mudança na trajetória da narrativa. Já as personagens redondas são aquelas que mudam sua forma de pensar, agir etc. De acordo com os apontamentos elencados, podemos dizer que Celeste é a protagonista (personagem principal) da obra, pois o enredo volta-se aos seus objetivos e indagações e se enquadra como personagem plana, uma vez que ela continua com o mesmo pensamento sobre os estereótipos das princesas dos contos de fadas. A

mãe da menina caracteriza-se como uma personagem coadjuvante, pois possui uma relação bem íntima e segue ajudando e apoiando a sua filha com seus conselhos. Em relação aos colegas de classe, podemos dizer que eles são antagonistas. Uma vez que eles não gostavam da menina e nem de sua forma de pensar, como é verificado no excerto abaixo:

> A celeste devia fazer um bronzeamento artificial pra deixar de ser tão branquela e transparente [...] Elas me cercaram e disseram que nunca viram nenhuma princesa negra, que todas as princesas eram loiras, de olhos claros. E que eu tinha feito aquilo só para me aparecer, chamar a atenção, só para a professora dizer depois: "Mas uma princesa é loirinha igual você..." E me xingaram de metida à besta, de lagartixa transparente. (MARTINELLI, 2007, p. 16).

Tais trechos comprovam o grau de antagonismo de seus colegas de escola. No entanto, vale ressaltar que essas personagens, também, no final da narrativa, se caracterizam como redondas, pois depois que Celeste salva o beija-flor preso à janela, eles começaram a vê-la de uma forma diferente, mudando o preconceito que tinham. No capítulo intitulado "Celeste dá a volta por cima", mostra claramente como isso acontece. Vejamos:

> - Legal você ter salvado o beija-flor, Celeste.
>
> A Celeste deu um sorriso para a Janaína. Estava feliz por terem-na procurado para conversar.
>
> Aí foi a vez da Suzane:
>
> -Você é muito inteligente.
>
> Celeste balançou a cabeça querendo dispensar o elogio.
>
> -Eu disse que já tinha feito isso antes.
>
> Você é bem legal- Falou Carlinhos, um dos melhores amigos da Janaína e da Suzane. (MARTINELLI, 2007, p. 35)

Vale lembrar que as demais personagens continuam, em toda narrativa, como planas: o pai da Celeste, a diretora da escola, a professora, a Ana Claudia (bibliotecária) etc. E assim finaliza o enredo da narrativa: Celeste como uma verdadeira princesa, não por ter as características físicas que a sociedade impõe, mas por ser uma menina com uma mente formada de conceitos esclarecidos a respeito das diferenças.

Segundo Silva (2008), a literatura juvenil é uma invenção recente, e que as gerações passadas que se iniciavam na leitura pelos quadrinhos e revistas infantis, prosseguindo com Lobato e daí com as novelas de aventuras, passavam à obra dos grandes escritores do modo natural, sem traumas nem solavancos. Por conta disso, podemos perceber que a literatura é uma das maneiras mais eficazes para introduzirmos a cultura afro-brasileira à escola, mostrando aos discentes como respeitar as diferenças, como devemos conviver em uma sociedade diversificada.

Coelho (2000) afirma que a melhor maneira de iniciar a evolução de um povo, ao nível da mente, será com a palavra da literatura, pois ela tem um papel de servir como agente de formação, seja no espontâneo convívio leitor/livro ou no leitor/texto.

> (...) a escola é, hoje, *o espaço privilegiado,* em que deverão ser lançadas as bases para a formação do indivíduo. E, nesse espaço, privilegiamos os estudos literários, pois, de maneira mais abrangente do que quaisquer outros, eles estimulam o exercício da mente, e a percepção do real em suas múltiplas significações; a consciência do eu em relação ao outro; a leitura do mundo em seus vários níveis e, principalmente, dinamizam o estudo e o conhecimento da *língua,* da expressão verbal significativa e consciente-condição *sine qual non* para a plena realidade do ser (COELHO, 2000, p.16).

Para Gregorin Filho (2009), existe uma larga produção de textos literários com assuntos sobre ética, pluralidade cultural e diversidade. Sendo assim, sabe-se que a escola tem um grande respaldo para trabalhar de forma positiva e significativa a lei 10639/03.

Portanto, algumas obras da literatura infantojuvenil acabam denunciando claramente as injustiças sociais, e procuram resgatar os valores humanos, e é isso o que faz o paradidático que se baseia essa pesquisa, o livro de literatura infantojuvenil.

3.1- O livro *Princesas são diferentes*, de Tânia Alexandre Martinelli, na sala de aula: metodologia e aplicação da oficina

Esse trabalho baseia-se no contato dos alunos com a lei 10639/03, associada à literatura infantojuvenil durante a realização de uma oficina na sala de aula, com o objetivo de observar como os alunos reagiriam diante a realidade do negro.

O 6° ano do turno vespertino de um colégio estadual da cidade de Itabaiana/SE, foi escolhido para o desenvolvimento dessa pesquisa, uma vez que essa turma não tinha conhecimento da lei. As oficinas foram realizadas entre os dias 26 de janeiro - 15 de fevereiro de 2018, sendo duas aulas na sexta-feira e uma aula na quinta-feira, até chegar um total de 7h/a. A referida turma apresentava 17 alunos matriculados, sendo que frequentavam de 11 a 13 alunos com faixa etária entre 12 a 16 alunos. Podemos perceber que os alunos estavam atrasados por estarem ainda no sexto ano, isso provavelmente ocorreu por motivo de reprovação. Antes da realização das oficinas foi solicitada a sua aplicação à coordenação, em seguida, entramos em contato com a professora da turma, informar-lhe que as elaborações das oficinas estavam de acordo com a proposta de teoria básica de Cosson (2011), *Letramento literário*: teorias e práticas.

Cosson (2001), em seu livro, nos apresenta maneiras de desenvolver atividades por meio das sequências didáticas, em que ele traz a sequência básica voltada ao ensino fundamental e a sequência expandida para o ensino médio, ambas têm como objetivo principal a literatura. Vale ressaltar que essas duas formas de sequências são trazidas como um complemento e que não precisam ser seguidas fielmente, nem tomados como regras, mas que deve se adequar ao público e aos contextos onde serão trabalhados. Um exemplo disso é adaptar a sequência ao público, nesse caso, como estamos tratando de uma pesquisa de campo, foi necessário acrescentar a parte produtiva à sequência básica.

Segundo Cosson (2011), a sequência básica se constitui em quatro passos: **motivação** é o primeiro, em que prepara o aluno para entrar no texto "Devemos observar, entretanto, que a aproximação do aluno com a obra objeto da leitura literária feita pela motivação não precisa ser sempre de ordem temática, embora essa seja a ligação mais usual" (COSSON, 2011, p. 55).

O segundo passo é **a introdução,** consiste na apresentação do autor e da obra, mostrando a sua importância naquele determinado momento. O terceiro passo é **a leitura,** e esta precisa dos intervalos para podermos perceber as dificuldades que os alunos apresentam, principalmente relativas ao seu ritmo. E, por fim, **a interpretação,** quando se chega à construção do sentido do texto, envolvendo autor, leitor e comunidade. Pode ser pensada em dois momentos: um interior e outro exterior, sendo este um momento de construção de sentido, o qual precisa ser compartilhado

ampliando-o; e aquele como um momento que acompanha a decifração, "palavra por palavra", "página por página", "capítulo por capítulo".

De acordo com Cosson (2011), quando se trata de leitura em textos bem curtos, a leitura pode ser dividida em dois momentos "(...) a leitura de reconhecimento, a ser feita silenciosamente pelos alunos, e a leitura oral ou expressiva, que pode ser feita pelo professor ou em forma de jogral pelos alunos" (COSSON, 2011, p.71). No caso dessa pesquisa, utilizou-se a leitura oral ou expressiva, em que foi feito um jogral entre os alunos, no entanto, poucos deles aceitaram participar.

Vale ressaltar que a sequência **expandida** surgiu depois de algumas alterações propostas por Cosson (2011) para dar um embasamento maior aos professores de ensino médio.

> (...) com ela pretendemos responder não apenas às inquietações dos professores de ensino médio – até porque sua prática não deve ser restrita a esse nível de ensino (...), mas sim, e sobretudo, tornar explícita a presença das outras duas aprendizagens da literatura dentro dos passos iniciados na sequência básica. (COSSON, 2011, p. 76).

Assim como a sequência básica, esse tipo de sequência também possui os quatros passos. Ressaltamos que não desenvolvemos a sequência expandida, visto que nosso enfoque foi construir uma experiência mais diferenciada, e, também porque trabalhamos com uma turma do ensino fundamental. Vale ressaltar que fizemos uma adaptação para a nossa sequência incluindo a parte produtiva com o intuito de avaliar cada discente depois das oficinas aplicadas.

Acreditamos ser fundamental que se aplique, nas práticas escolares, a leitura de textos literários, realizando a leitura efetiva dos textos para que o principal objetivo seja a formação do aluno, tendo em mente que a literatura tem uma grande importância no ambiente escolar, como nos diz Cosson (2011, p. 23)

> (...) o letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola. A questão a ser enfrentada não é se a escola deve ou não escolarizar a literatura, como bem nos alerta Magda Soares, mas sim como fazer essa escolarização sem descaracterizá-la, sem transformá-la em um simulacro de si mesma que mais nega do que confirma seu poder de humanização. (COSSON, 2011, p.23).

Antes de iniciar com a leitura do livro *Princesas são diferentes*, de Tânia Alexandre Martinelli, seguimos o primeiro passo proposto por Cosson (2011): A motivação. Por meio de imagens de algumas princesas conhecidas, mais precisamente as princesas da *Disney*, com o intuito de preparar os alunos sobre o tema abordado na obra, esperávamos que, ao entrar em contato com o título do paradidático, eles tivessem uma noção do que iria abordar o texto e relacionar as imagens ao título, mas isso não ocorreu. Vale ressaltar que, na aula 1 foi solicitado que os alunos escrevessem, na cartolina exposta no quadro, uma característica que eles tinham de princesa. A maioria das respostas foi de cunho comportamental: Corajosa, educada, gentil, carinhosa. Apenas dois alunos relataram características físicas: linda e bela.

Passando essa primeira etapa, seguimos para a segunda, **a introdução**, nesse momento foi feito uma breve apresentação do autor do livro, justificando o porquê da escolha do paradidático *Princesas são diferentes*, destacando sobre os aspectos do que aborda a lei 10.639/03, lembrando que, ainda nessa etapa, iniciamos a aplicação do terceiro passo, começando a leitura do livro fazendo um jogral entre os alunos. A ideia central seria que todos lessem, mas, em torno de onze alunos presentes na sala, apenas cinco leram. A duração para esses três primeiros passos foi de duas aulas de 50 minutos. Vale lembrar que a leitura do livro foi retomada em duas aulas seguintes, pois não conseguimos finalizar a leitura em apenas uma aula, sendo que foram necessárias três aulas para a finalizarmos a leitura total. Ou seja, a primeira aula discutiu-se sobre os estereótipos de beleza das princesas, a apresentação do livro e a apresentação da lei. Na segunda aula começamos a primeira parte da leitura do livro e, logo após, pedimos para que os alunos produzissem um pequeno texto sobre o que acharam do primeiro momento da leitura. Para a produção desse texto, 10 de 11 alunos participaram.

Na aula 3, retomamos a segunda parte da leitura, e alguns outros aceitaram ler, de 11 presentes na turma, 6 leram. Ressaltamos que alguns só tiveram interesse em ler, quando a professora da turma mencionou que aquele que colaborasse nas aulas, ela ajudaria na nota. Dos 6 que fizeram a leitura, 3 responderam as perguntas que nortearam essa aula: O que acharam do livro? Quem já leu algum livro de contos de fadas? Se já leram, podiam descrever a princesa? Os 3 alunos que responderam tais questões falaram que já tinham lido contos de fadas, mas que nenhum deles trazia uma princesa "diferente", todas as histórias tinham o mesmo padrão e que acharam de suma importância o estudo do livro de Tânia Alexandre Martinelli, pois quebrou alguns

paradigmas impostos pela sociedade. Relataram também que acharam interessante a inconformidade da personagem “Celeste” de não estar concordando com o que a mídia impõe.

Na aula 4, reproduzimos um vídeo intitulado *“Disney e a representatividade negra: Cadê eu nos contos de fadas?*” Para esses dois momentos, utilizamos 2 aulas com duração de 50 minutos cada.

Para que pudéssemos identificar as dificuldades de leitura de cada um, foi necessário que déssemos intervalos de leitura, ou seja, cada aluno lia um trecho do texto para podermos fazer essa identificação aplicando os intervalos propostos por Cosson (2011). Em cada intervalo, buscamos fazer algumas perguntas para chamar a atenção dos alunos, visto que não pareciam estar prestando muita atenção na leitura do colega, já que, quando as perguntas eram lançadas, poucos respondiam, apenas dois ou três. Nesse momento, tentamos buscar a interpretação de cada aluno. Por volta da quinta aula, finalizamos a leitura total do paradidático. Ao concluir, algumas perguntas foram feitas aos discentes, uma delas foi: O que acharam do livro? Sem respostas, procuramos ser mais precisos com a seguinte indagação: Como é o nome da personagem principal do texto? Mas, também, ninguém respondeu. Para comprovar realmente se eles entenderam ou não alguma coisa a respeito do livro, nós solicitamos a produção de um pequeno texto tratando da leitura que fizeram. Apesar de eles não conseguirem se expressar oralmente, o texto que produziram, mediante a série que eles estavam, foi um tanto satisfatória.

No decorrer da leitura, ao pedir que cada aluno lesse um trecho do livro, observamos algumas dificuldades: a maioria deles fazia a leitura em voz baixa, os colegas praticamente não conseguiam ouvir, outros não respeitavam as pontuações. De acordo com nossas observações, acreditamos que isso provavelmente ocorra por falta de leitura frequente.

Acredita-se que o âmbito escolar deveria ser o único lugar em que poderíamos estar protegidos dos preconceitos e da discriminação, mas infelizmente é um lugar onde se encontra vários tipos de preconceitos e a não aceitação às diferenças. A professora da turma comentou que achou relevante o nosso trabalho com essa temática naquela turma, pois ela nos contou que havia uma aluna que os estudantes a considerava “diferente” por esta usar cabelos coloridos. A docente, por não saber lidar com esse tipo de situação,

solicitou para que focássemos muito no aspecto “em respeito às diferenças” para que os discentes pudessem entender que somos iguais em meio às diferenças.

Vale lembrar que nenhum aluno demonstrou ser preconceituoso durante o período que estivemos presente. A professora da classe também não tinha profundas informações da turma, visto que esta era substituta. A docente mostrou conhecimento da lei 10.639/03, mas que nós acrescentamos detalhes interessantes, como a iniciativa de trabalhar a leitura em sala de aula. Esta relatou, também, que não é fácil quebrar paradigmas já impregnados na mente das pessoas e que é um trabalho de “formiguinha” tentar desconstruir o preconceito.

Partindo para aula 6, pedimos que eles desenhassem como “viam” uma princesa. Após tudo que apresentamos a respeito da lei, do livro, e sobre os estereótipos, 4 de 10 alunos fizeram os desenhos com a cor da pele branca. Os que fizeram os desenhos dessa forma não tinham argumentos para falar o porquê de ter desenhado daquele jeito. Ao contrário dos que desenharam a princesa ou um príncipe de pele negra. Estes relataram que as princesas precisam ter características diferentes das outras, que nem todas precisam ser “galegas” e nem ter olhos azuis ou verdes, e que desenharam dessa forma para quebrar o preconceito da cor da pele, pois não importa a etnia, a cultura, a cor da pele, o que importa é que todos somos iguais: seres humanos.

Analisamos que as respostas dos alunos que criaram uma princesa ou um príncipe negro foram bem mais elaboradas em relação aos que reproduziram os estereótipos de beleza de uma princesa ou príncipe imposto pela mídia.

Com base na participação dos estudantes durante a sequência didática, concluímos que os alunos que tiveram mais argumentos para explicar o porquê de ter criado um desenho com características do povo negro, foram os que mais prestaram a atenção às aulas. Aos que desenharam mantendo os referencias estereótipos de beleza, temos duas hipóteses: ou não prestaram atenção à aula, não entendendo o que sanciona a lei 10.639/03, ou ainda têm fixado na mente que uma princesa deve ser daquele jeito. Mas não temos como comprovar quais das duas hipóteses são verídicas, já que em todas as aulas ninguém demonstrou oralmente ser preconceituoso, embora as provas digam o contrário.

Vale lembrar que o despreparo de alguns professores e a falta de conteúdos relacionados à história do povo africano e da cultura afro-brasileira nos currículos das escolas contribui muito para que o racismo aconteça de forma avassaladora no âmbito escolar. O uso do livro *Princesas são diferentes*, na sala de aula, fez com que alguns dos alunos refletissem a respeito do preconceito que acontece na vida de muitas pessoas.

Ao invés de termos escolhido uma literatura clássica ou contemporânea para aplicar em sala, escolhemos um paradidático por trazer uma leitura mais simples, visto que já sabíamos anteriormente a dificuldade da turma. O livro poderá até passar uma ideia que existe um racismo contra o branco, já que Celeste sofre preconceito na escola por ser branca, mas nesse trabalho, focamos no posicionamento da personagem por questionar a falta de personagens negros nos contos de fadas. Seguimos especificamente essa vertente.

Podemos dizer que esta foi uma experiência enriquecedora, pois, mostrar aos alunos que, assim como Celeste foi excluída por seus colegas por ter uma cor de pele diferente em relação a cor dos outros, existem muitas outras pessoas no Brasil e no mundo que sofrem o mesmo drama por conta da sua cor de pele, e que não sabem lidar com essa situação.

Na sétima e última aula, sugerimos que eles fizessem um documentário sobre tais questões: falar sobre as diferenças étnico racial, o que acharam do livro, qual sua importância, os estereótipos das princesas e o preconceito racial. Para esta atividade, 7 de 11 alunos participaram. Ressaltamos que para os alunos criassem aproximação com as questões discutidas, criamos um grupo na rede social *WhatsApp* para esclarecer eventuais dúvidas, porém, mesmo assim, os que aceitaram o desafio tiveram bastante dificuldade no desdobramento do discurso.

Analisando os vídeos gravados pelos alunos a respeito do que foi solicitado, a maioria não tinha bons argumentos para desenvolver o discurso, talvez, por não terem se interessado durante o processo de aplicação da sequência. Estes falavam de forma superficial sobre o assunto, diziam no vídeo que “Celeste”, a personagem do livro lido em sala, era uma princesa. A aluna B, foi bem natural em sua opinião. Ela relatou que as princesas podem ser loiras, morenas, olhos claros e escuros e que não concorda com a questão de que todas as princesas precisam ser do jeito que a mídia traz.

Em um outro vídeo, a aluna B, menciona que as princesas deveriam ser bem diferentes e ter características físicas distintas para poder identificar cada criança que tivesse contato com um conto de fadas, ao invés de serem todas iguais. A aluna C, diz que não devemos ter racismo porque é “feio”, e que não podemos chamar ninguém de “preto”, pois todos somos iguais, ninguém é melhor que ninguém.

Uma dupla de alunas (aluna D e E), abordam os estereótipos das princesas da “Disney”, trazendo a princesa Tiana, do conto *A princesa e o sapo*. Elas pontuaram seu ponto crítico a respeito da única princesa negra da Disney, já que todas as outras tinham castelo e entre outras coisas, e a Tiana, apesar de ser princesa, era garçonete. Afirmam que ainda o preconceito na mídia permeia, pois, mesmo a “Disney” trazendo uma princesa negra, atribui alguns estereótipos e “cargos” considerados inferiores na sociedade.

Em um dos documentários, o aluno F fala que a criadora da história está de parabéns por ter criado um livro tão importante. Também confessou que já teve atitudes preconceituosas, e prometeu que, por conta das aulas, não pretende ter mais esses tipos de comportamentos e espera que, assim como ele, os seus colegas de classes e outras pessoas também mudem. Ele relata que a irmã tem um namorado moreno e ela é branca, mas que acha a cor negra muito bonita. Segundo ele, isso mostra que a irmã tem respeito e que devemos respeitar o próximo. Pois, para ele “A vida não é só de vagabundagem não, a gente tem hora de brincar, de zoar com as pessoas, de estudar e tudo, só que começa tudo pelo respeito".

Analisando os discursos, acreditamos que esse foi o aluno que mais conseguiu prestar atenção às aulas e, sendo assim, conseguiu falar com facilidade e opinar sobre o que ele acha do preconceito racial, do livro e da atitude de Tânia Alexandre Martinelli, escritora do paradidático, em ter essa iniciativa de criar um livro literário de cunho tão educativo.

Como em toda pesquisa, tem aqueles que conseguem captar o que foi pedido, e também aqueles que não conseguiram alcançar o que foi pedido na produção do vídeo: Pedimos que eles gravassem um documentário explicativo falando/pontuando alguns. anteriormente. Uma garota de 16 anos (aluna G), em vez de falar naturalmente no vídeo, analisamos e tiramos a conclusão que ela fez uma pesquisa a respeito do seu tópico, e em vez de discursar naturalmente, ela leu o que pesquisou, tornando o seu documentário

mecânico. Tiramos a conclusão que, essa determinada aluna não conseguiu prestar atenção nas aulas, já que não conseguiu falar sua opinião a respeito do que estudamos em sala, sem saída ela pesquisou e leu o conteúdo da sua pesquisa.

Tendo em vista os apontamentos apresentados, acreditamos que o letramento literário é um passo muito importante para nos tornar pessoas mais fluidas no discurso, no nosso ponto crítico. E se não lemos da forma correta e nem prestamos atenção à leitura, não conseguiremos fluir, não se posicionando e nem questionando sobre determinadas situações, no nosso caso, sobre os valores socioculturais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A iniciativa de trabalhar o livro *Princesas são diferentes* em sala de aula, nos permitiu enxergar uma visão a respeito das práticas pedagógicas voltadas para os aspectos étnico-raciais. Mediante essa experiência, pudemos perceber que os professores precisam criar uma relação mais estreita com as diretrizes curriculares nacionais para o ensino, no tocante às questões étnico-raciais, indo a fundo com a lei 10.639/03, e uma possibilidade é utilizar como suporte a literatura infantojuvenil para tornar as aulas mais prazerosas.

Apesar de ter o dia da Consciência Negra, 20 de abril, não é suficiente para quebrar preconceitos já impregnados nas pessoas. Sendo assim, acreditamos que todas as instituições de ensino deveriam ter mais projetos que valorizassem a cultura afro-brasileira e africana e fizessem com que os alunos tivessem contato com os exemplares de literatura infantil.

Dessa maneira, todos teriam contato com os livros literários, já que são considerados um grande suporte por trazer uma leitura didática. Não é uma tarefa fácil quebrar com os estereótipos, no entanto, não podemos parar com a luta contra o preconceito, e nós, no papel de professores, somos os principais responsáveis em levar meios e formas para poder aplicar aquilo que é direito e lei. Como docentes, precisamos incluir em nossa rotina escolar a leitura que aborda o negro como personagem central, valorizando sua beleza, quebrando alguns estereótipos, tendo em vista que isso pode servir como base para o desenvolvimento social.

Com base nos resultados obtidos, pudemos verificar a eficácia da lei e a sua contribuição para o ensino da educação básica, assim como também a literatura infantojuvenil, para a construção de respeito às diferenças, de um modo geral, visto que existem muitas pessoas na nossa sociedade que ainda não têm o conhecimento da lei.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei Nº 10.639, de 03 de janeiro de 2003. Institui a obrigatoriedade no currículo oficial da Rede de Ensino a temática "História e Cultura Afro-Brasileira" nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares. **Diário Oficial da União**, Brasília, 03 jan. 2003.

BRAIT, Beth**. A Personagem.** São Paulo: Ática, 1985.

BRITO, Danielly Benício de. **A lei 10.39/03 e o desafio de efeitos práticos.** Disponível em:<http://repositorio.uniceub.br/bitstream/123456789/3482/2/FACULDADE%20DE%20CI%C3%8ANCIAS%20DA%20EDUCA%C3%87%C3%83O%20E%20SA%C3%9ADE-%20CAPA.pdf>. Acesso em 30/12/2017.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática.** 2ª edição, 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2011.

Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das relações Étnico- Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Disponível em:<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wpcontent//uploads/2012/10/DCN-s Educacao-das-Relações-Étnicos-raciais.pdf>, acessado em 19/01/2018.

FILHO, José Nicolau Gregolin. **Literatura infantil:** Múltiplas linguagens na formação de leitores. **–** São Paulo: Editora Melhoramentos, 2009.

GÉLEDES: instituto da mulher negra. Disponível em**:<**https://www.geledes.org.br/movimento-negro/> acessado em 31/12/2017

GOMES, Nilma Lino; SILVA, Petronilha B. Gonçalves. **Experiências étnico-culturais para formação de professores**. – 2ª ed. – Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

MUNANGA, Kabenguele (Org.). **Superando o racismo na escola**. Brasília-DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 155-172. Disponível em: <http://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/publicacoes/superando_%20racismo_escola_miolo.pdf>, acessado em 19/12/2017.

MUNANGA, Kabenguele (Org.). **Superando o Racismo na escola**. 2ª edição revisada. Brasília-DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. Disponível em: <http://www.apeoesp.org.br/sistema/ck/files/9_Munanga_K_org_Superando%20o%20racismo%20na%20escola.pdf>, acessado em 30/12/2017.

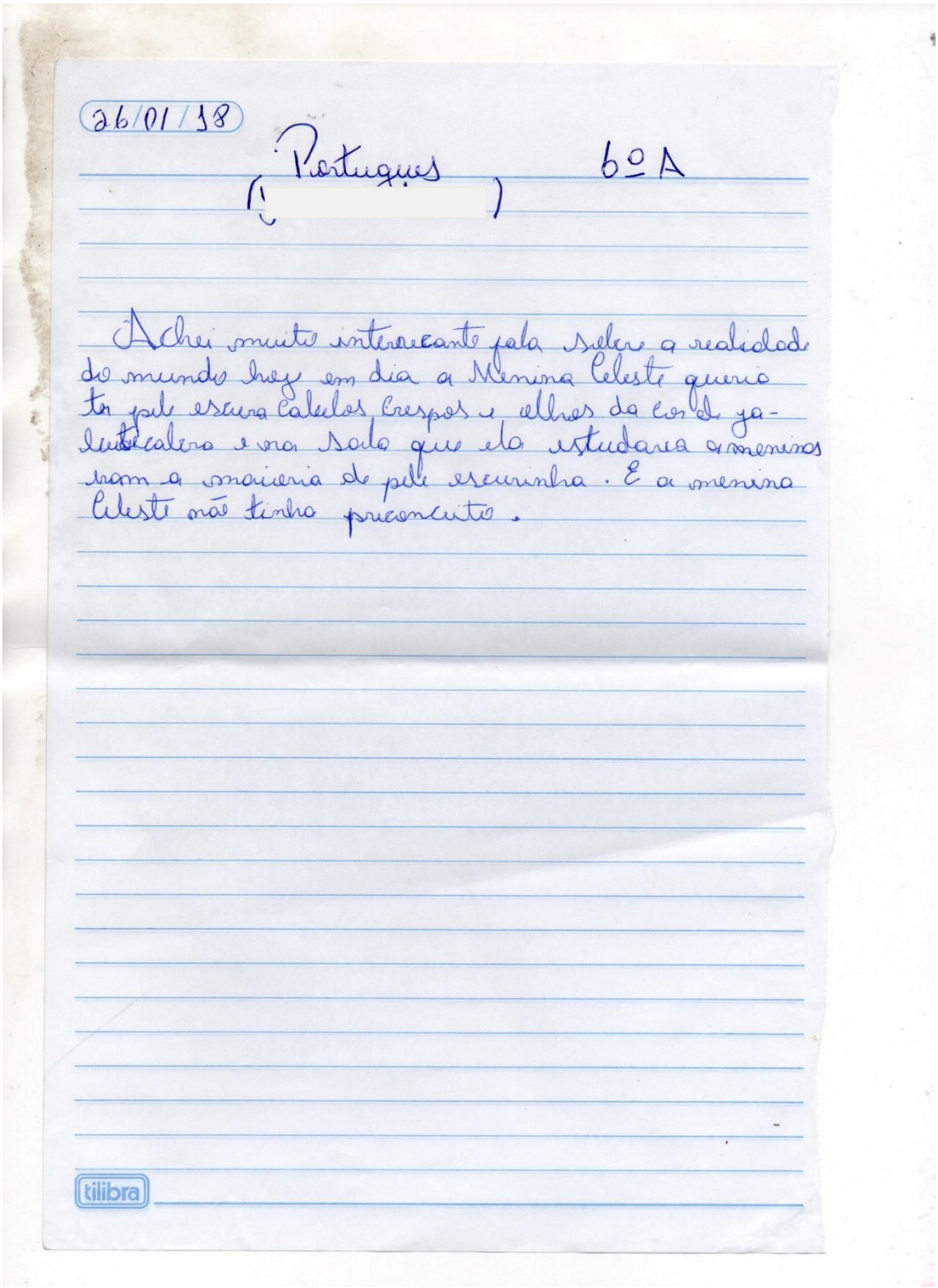
PEREIRA, Márcia Moreira; SILVA, Maurício. **Percurso da lei 10639/03: Antecedentes e desdobramentos.** Disponível **em:**<https://periodicos.ufsm.br/LeC/article/download23810/14010> acesso em 30/12/2017

ROSSATO, Cesar; GESSER, Verônica. A experiência da branquidade diante dos conflitos raciais: Estudos de realidades brasileiras e estadunidenses". In: CAVALLEIRO, Eliane. **Racismo e anti-racismo na educação.** São Paulo: Summus, 2001

SILVA, Vera Maria Tieztmann. **Literatura infantil brasileira**: Um guia para professores e promotores de leitura. – 2ª edição revisada- Goiânia: Cânone Editorial, 2009.

SÃO PAULO. s/data. Secretária de Estado da Educação. **Programa São Paulo:** Educando pela Diferença para a Igualdade. Projeto Piloto do Programa São Paulo: Educando pela Diferença para a Igualdade.

ANEXOS

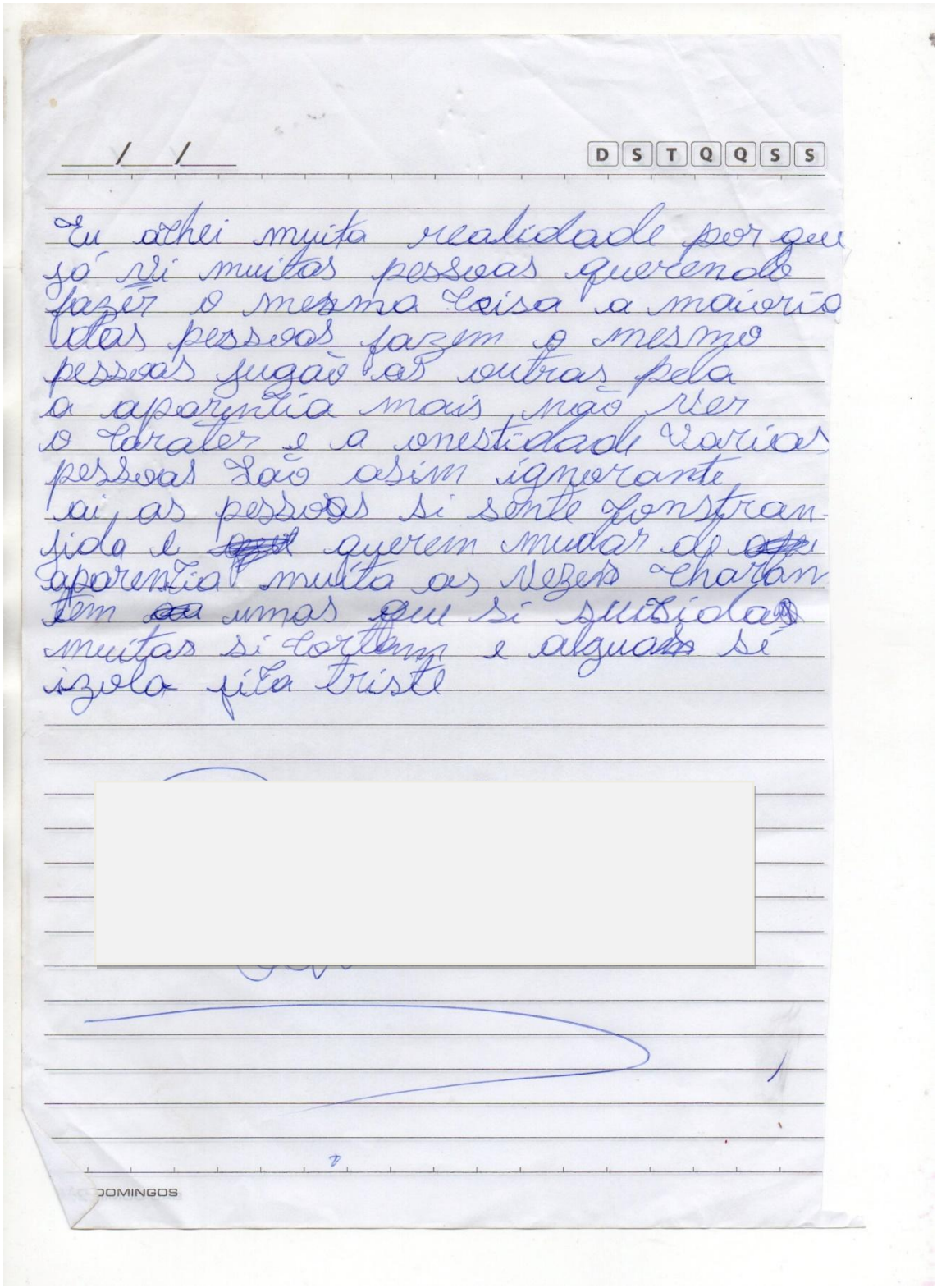


26/01/18

(Portugues) 6º A

Achei muito interessante pela saber a realidade do mundo hoje em dia a Menina Celeste queria ter pele escura Cabelos Crespos e olhos da cor de ja-buticaba e na sala que ela estudava as meninas tem a maioria de pele escurinha. E a menina Celeste não tinha preconceito.

tilibra



___/___/___ D S T Q Q S S

Eu achei muita realidade porque
já vi muitas pessoas querendo
fazer o mesma coisa a maioria
das pessoas fazem o mesmo
pessoas jugão as outras pela
a aparencia mais não ver
o carater e a onestidade varias
pessoas são asim ignorante
ai as pessoas si sente constran-
jida e ~~que~~ querem mudar de ~~apa~~
aparencia muita as vezes charlan
tem ~~as~~ umas que si suicidas
muitas si cortam e alguas si
izola fica triste

DOMINGOS

([illegible] 6 Anô) 26/01/18

Eu gostei eu achei muito, eu gostei dela ela é muito diferente das outras meninas, ela queria ser como as outras. Porque as outras estudam, brincam, ela queria ser igual as outras ela queria ser negra como as outras meninas. Porque ela era clarinha, cabelos longos e lourinhos, olhos azuis, e as outras amigas dela era morena, e ela era diferente das outras. Ela queria ser como as outras amigas dela negra. Ela não tem preconceito com as amigas dela.

credeal

__/__/__ D S T Q Q S S

[redacted]

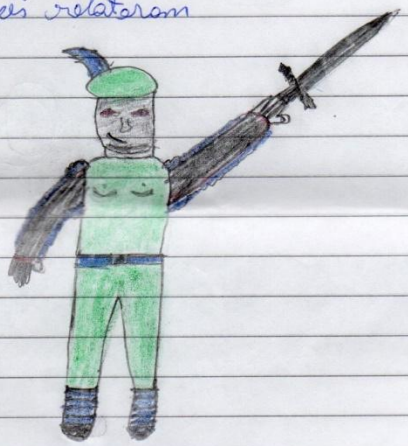
Os insinamentos que esse livro traz a leitura foi que não é só pessoas negros que querem ser brancos, sim também tem gente negros que querem ser brancos mais também tem pessoas brancos querendo ser negros e isso é muito bonito porque isso mostra os pensamentos das pessoas e também da autora do livro que a gente não podemos esquecer dela e ela tá de parabens de ter feito esse livro ficou muito bonito mesmo e tomara que isso seja de exemplo para as pessoas.

Muito lindo esse livro.

1) Características
nome: [redacted]
cor dos olhos: azul
aspecto do cabelo: Roxo
cor da pele: Branca
2) Relatar o porquê da criação.
Por que eu gosto desse estilo.
Referência:
Cinderela.
ASTRA

Desenhe uma princesa ou um príncipe 08/02/18
ao seu modo

* pegar uma princesa ou príncipe da "Disney" como referencia
* Dar um nome ao novo personagem
* Relatar as características
• Cor dos olhos
• Cor e aspecto do cabelo
• Cor da pele etc
* Relatar o porque da criação do(a) da personagem ou, seja por que vocês queriam que o príncipe ou a princesa tivessem as características que vocês relataram



Um príncipe Guerreiro negro porque era dificil ter príncipes negros na Disney
• Cor da pele negra
• príncipe
• criei para causa da discriminação para erradicar o preconceito da cor da pele não importa a Etnia a cultura, cor da pele importa é que todos somos iguais seres humanos
•

Referência [redacted]

Minha criação

① característica

Nome: [redacted]
Cor dos olhos: azul
aspecto do Cabelo:
Cor da Pele: Negra

② Relatar o Porquê da Criação:

Porque a maioria das Pessoas são racista.

[redacted]

6 ano 1º Turno: Tarde

credeal

08/02/2018

Desenhe uma princesa ou um príncipe ao seu modo

Pegar uma princesa, ou Príncipe da Disney como referência

cor dos olhos
cor e aspecto do cabelo
cor da pele etc.

1ª) caracteristicas

nome: Branca de neve

cor dos olhos: Azuis

Aspecto do cabelo: Preto

cor da pele Branca

2ª) Relatar o porquê da criação:

Porque eu achei ela dessa forma.

tilibra

08/02/18

Fiz ela desse modo pra quebra as modas das princesas da disney. Por que e parecida com a Tiana é um desenho muito bom.

Referencia

Nova criação

Nome:

Cor dos olhos: Azuis

Aspectos de cabelo: Black

Cor da pele: Morena

Nome:
Referencia:
Sereia
Nome:
Cabelo: cacheado, olhos: verde, rosto: com sarda, cor da pele: Branca